

Dr. Sr. Antero Barreto de Tava  
Barcelos



Visado  
pela Comissão  
de Censura

# Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -  
Número avulso  
25 centavos

Redacção e Administração  
**Carvalhal — Barcelos**

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)  
PAGAMENTO ADIANTADO

**P.º José A. Aires**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

## Visitantes ilustres

O sol acariciador do passado domingo, que mais brilhante e lindo parecia por ter chovido torrencialmente nas vespéras e ter conseqüentemente, encontrado a atmosfera mais límpida, levou à ermida da Franqueira muitos dos seus devotos das freguesias circunvisinhas.

Vimos, entre muitas pessoas, o Ex.º Sr. Tenente Francisco Cardoso e Silva na companhia de vários amigos e o Ex.º Sr. Manoel Faria, solicitador em Barcelos, ambos assinantes dos «Ecoss da Franqueira», sendo além disso o Ex.º Sr. Tenente Francisco Cardoso e Silva, um assíduo e prestante colaborador.

Os trabalhos que, quer na Franqueira, quer no Castelo de Faria, têm continuado, não obstante a falta de recursos, honram sobremaneira a digna Comissão de N.ª S.ª da Franqueira e o Grupo dos amigos do Castelo de Faria. A certa altura, como o sol ia aquecendo, sentiu-se a natural necessidade dum refrigerante, (o que é nova nesta estação do ano), e de tomar uma cerveja na Casa Hotel da Confraria: não havia refrigerante de especie alguma, mas em compensação havia um bom vinho da região, que, sem ter a força alcoólica daquele celebre vinho do logar da Bouça, fez as delicias dos sequiosos.

Era da maxima conveniencia que a Comissão providenciasse afim de que podesse ser servido junto da Casa-Hotel um café, um chá, ou qualquer refrigerante, por forma a prender ali mais tempo qualquer visitante: não acham bem?

M. Alves.

## Melhoramentos que se impõem no Monte da Franqueira

É de todos sabido que a vida é impossível sem a água.

A vida vegetal das plantas, não pode também conservar-se sem a água.

Temos ouvido falar na arborisação do Monte da Franqueira, e achamos bem que se pense na necessidade de o arborisar, para mais atraente e pitoresco se tornar o famoso Monte; mas em primeiro logar, é mister resolver o problema da água.

Sabemos que na quinta do Convento do Bom Jesus da Fonte da Vida, existe água em abundância: não se poderia por qualquer processo moderno, abastecer-se o Monte da Franqueira, com água da Quinta do Convento? Compete aos tecnicos no assunto, estudar o caso.

A digna Comissão de N.ª S.ª da Franqueira, que, com sumo empenho tem trabalhado para o maior embelezamento da Franqueira não descurará, disso estamos convencidos, tão importante assunto.

Não o duvidamos: o desenvolvimento e importância turistica da Franqueira, está dependente da solução destes dois problemas: luz e água.

## Protestantes

A religião cristã terá de ser sempre atacada pelos seus inimigos e é neste combate que a Igreja tem de sustentar, que ela encontra novas forças que lhe dá a vida: ora, são os Governos inspirados pela maçonaria que a perseguem pela promulgação de leis cerceando-lhe os direitos, ora são os impios ou herejes que negam ou a atacam na sua moral ou nos seus dogmas.

Estes últimos são mais para temer, porque, não só atacam a religião divina que professamos, mas procuram adeptos para os seus erros nos meios Católicos.

Há uns tempos a esta parte, nota-se uma desenfreada propaganda protestante, servindo-se dos meios mais ridiculos.

O protestantismo, fundado por Henrique VIII, rei de Inglaterra, Lutero na Alemanha, e Calvino na Suíssa, homens devassos, foi feito por homens e para servir as paixões humanas, e não para servir a Deus.

Para a divulgação dos seus erros, distribuem, de graça, folhetos e revistas. Os seus apóstolos são pessoas sem cotação moral alguma: vimos há pouco encarregado dessa missão um barbeiro.

Interessante, não é verdade?

## Cifania ou Castro?

Apareceram junto às muralhas do glorioso Castelo de Faria, no sopé do monte da Franqueira, umas ruínas dum povoado primitivo.

Ao proceder-se ao descobrimento destas ruínas, têm apparecido, segundo dizem, algumas coisas dignas de serem guardadas e conservadas condignamente por constituírem importantes subsídios para o estudo da origem do que ali está aparecendo.

Quando lá fui, vi descobertos os alicerces duma casa circular e doutra rectangular, bem como um arruamento empedrado e sinais de mais habitações.

Sei que se continua com o trabalho de mais descobertas o que é justo e muito louvavel, todavia o que me parece oportuno, é que se organize desde já um caderno para nele se ir indo registando, cautelosa e metodicamente, o que ali fór apparecendo. (1)

Como já ali foi o Ex.º Sr. Dr. Mendes Correia, illustrado aqúeologo, estou por certo que todas as medidas necessárias, estão previstas.

Com tudo isto se vai enriquecendo o Monte da Franqueira, porque o tornará mais visitado, com o que nós muito folgamos.

Fra Oasil.

(1) Este caderno do registo de tudo quanto ali vai apparecendo, é indispensavel para a organização duma «Notícia descritiva», que necessariamente se ha de fazer.

## ALVELOS

No proximo domingo, 30 do corrente há de realizar-se na igreja desta freguesia a festa do Sagrado Coração de Jesus, sendo precedida do costumado tríduo de práticas, sendo orador o eminente orador sagrado abade de Airão, arciprestado de Guimarães.

Nessa ocasião há-de ser estreado um harmonium novo, adquirido pelo Rev.º Abade desta freguesia para servir nos actos religiosos da igreja.

Faleceu a Snr.ª Tereza Ferreira, viuva de 70 anos, de Preza, tendo officio religioso de corpo presente.

Baptisou-se um filhinho do Snr. José Pereira Duarte, hábil artista carpinteiro, desta freguesia.

Deve realizar-se por estes dias o enlace matrimonial do Snr. José d'Oliveira Gonçalves com a Snr.ª Emilia Gomes de Figueiredo, da freguesia de Pereira.

Deve realizar-se neste domingo o peditório da Confraria do SS. Sacramento e da Associação do Sagrado Coração de Jesus.

M.

## Carta de Barcelos

Regressou de Lisboa o Ex.º Sr. Dr. Matos Graça, illustre Presidente da Camara Municipal.

— Os jornaes do Porto dão como certa a posse d'aquelle Ex.º Sr. no Cargo de Governador Civil de Braga na presente semana.

— O Ex.º Sr. José de Beça e Menezes, vereador da nossa Camara, a cargo de quem está o pelouro das estradas camaraarias tem dadas ordens para que, dentro do possivel, prossigam as obras na estrada da Franqueira.

Congratulamo-nos com isto.

— Está de luto pela morte de seu estremosissimo pae o Ex.º

Sr. João de Souza, muito digno e activo director do Banco de Barcelos.

Os nossos pesames.

—Na semana finda esteve entre nós o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Mendes Correia, do Porto, distinto arqueologo, tendo ido visitar a cisterna apparecida, ha pouco junto das muralhas do glorioso Castello de Faria—C.

## Carvalhal, 17-10-32.

Causou tambem aqui bõa impressõa a nomeaçõa para pároco da vila da Povoia de Varzim o antigo deputado e senador católico Rev.<sup>o</sup> Antonio da Silva Gonçalves.

Verdadeiro ornamento da tribuna sagrada, o erudito e eloquente orador é muito conhecido, pois tem percorrido quasi toda a diocese, em serviços de pregação. E tá, pois, de Parabens a

Povoia de Varzim, por ter agora, felizmente, à sua frente o pároco que merece.

Sabamos que à sua posse assistiu todo o elemento católico da vila e todas as confrarias, e que, a sua palavra eloquente foi religiosamente ouvida por milhares de fiéis.

«Ad multos annos».

—No proximo domingo realizar-se-há nesta freguesia os peditórios anuais da Associação do C. de Jesus, S.<sup>ta</sup> Teresinha e Seminário.

—No dia 30 do corrente mês iniciar-se-há o tríduo do Sagrado C. de Jesus, promovido pelo nosso pároco, sendo orador o Rev.<sup>o</sup> P.<sup>o</sup> José G. Casão, da Povoia de Varzim: durante os quatro dias de práticas, os fiéis não deixarão de ouvir a palavra de Deus e de se abeirarem dos Sacramentos.

—Está no seu termo a colheita das uvas: o vinho é muito menos que o ano passado, e a qualidade bastante inferior também.

C.



## O Evangelho

Falando Jesus às turbas, eis que um príncipe se chegou a elle e o adorou, dizendo: «A minha filha acaba de expirar agora: mas vinde, ponde a vossa mão sobre ella e viverá». Jesus levantou-se, e foi seguindo com seus discipulos. Nisto uma mulher, que havia doze annos que padecia dum fluxo de sangue, aproximou-se por detraz d'Ele e lhe tocou a orla do vestido, porque ia dizendo consigo mesma: «Se eu tocar ainda que seja somente o seu vestido, serei curada». Voltou-se Jesus, e vendo-a disse: «Tem confiança, filha, a tua fé te salvou». E ficou a mulher sã desde aquella hora. Assim que Jesus chegou a casa do príncipe, e viu os tocadores de flauta e uma multidão de gente que fazia reboliço, disse: «Ide-vos daqui, porque a menina não está morta, mas dorme». E elles o escarneciam. Depois que saiu a gente, entrou Jesus, tomou-a pela mão, e a menina levantou-se. E correu esta maravilha por toda aquella terra.

### A Ressurreição Espiritual

Consideremos três pontos principais no milagre de Jesus a favor da filha do príncipe da sinagoga: 1.<sup>o</sup>, de quem é imagem esta menina; 2.<sup>o</sup>, condições requeridas para que volte à graça o peccador; 3.<sup>o</sup>, sinais duma verdadeira conversão.

I.—De quem é imagem a filha de Jairo.

E' a nossa, porque joven, cheia de saúde, amada do pai, adorada pela mãe, prometia, como a nós, dias prolongados, na sua graciosa negligência, sorria ao mundo que lhe estendia os braços; morre no entanto esta filha única, esta rica herdeira, esta beleza juvenil. Nem a nobreza do sangue, nem as dignidades da família, nem a opulência, nem a juventude a preservaram da morte.

E' a nossa imagem, porque de um momento para o outro podemos cair sob os golpes da morte, como a florinha frágil sob a foice do lavrador.

Infeliz desta jovem se arrastada pelos prazeres do mundo, os amou com detrimento dos seus interesses eternos, se o desejo de lhe agradar a fez esquecer de Deus, se o cuidado do corpo lhe fez esquecer a alma, se cultivou a beleza, como certas ratinhas dos nossos dias, para atrair adoradores, se, altiva com as suas vantagens, abriu o coração ao orgulho e a projectos quiméricos; que infelicidade para ella e que loucura! Tudo destruiu a morte, projectos e desejos!

Que desgraça tambem para nós, se a imitamos no ardôr pelas coisas do mundo e indolência nas coisas do céu; virá a

morte destruir tudo, a vaidade dos projectos e a loucura das illusões.

Ao vê-la, Jesus exclama: *A menina não está morta, mas dorme.* Era impossível exprimir melhor o efeito do peccado numa alma até então innocente. E' certo que esta primeira falta, —vaidade ou orgulho,—lhe dá a morte, mas é tão fácil a volta à vida, que essa morte é mais um sono que morte real; não se corrompeu ainda o coração, a consciência não perdeu a delicadeza nativa, estão ainda bem vincados, por assim dizer, todos os princípios de vida; basta um sopro da graça para os reanimar.

Está ainda aqui a nossa imagem. Temos peccado, mas os corações ainda não estão prevertidos, nem apagado todo o sentimento; o peccado não é ainda habitual, todas as felizes impressões da virtude que recebemos vivem ainda; basta um pouco de boa vontade para resuscitar para a graça.

Meditemos isto, e tiremos proveito destes elementos de santificação.

II.—Condições requeridas para voltar à graça.

Jesus Cristo principia por afastar o bando dos músicos e da gente que fazia barulho nesta casa onde vai fazer reentrar a vida.

Indica-nos assim a causa ordinária que leva a corrupção à alma dos peccadores, de que é imagem esta menina, e a primeira condição para voltar a Deus. A corrupção começou com o gosto dos prazeres. Há nos divertimentos mundanos, nas reuniões, nos bailes, nos espectáculos, um vapor funesto que penetra o coração e o embriaga.

Não esperemos voltar ao fervôr da nossa piedade antiga, enquanto vivermos no meio da agitação do mundo. A nuvem de pó que envolve a alma mundana rouba-lhe a visão de Deus e do dever. Pelo contrário, na solidão o coração dobra-se sobre si mesmo: vê o seu estado, ouve a voz de Deus, e coisa alguma o impede de corresponder á vocação divina.

Portanto se queremos conservar a graça ou recobrá-la, fuçamos de toda a ocasião, sociedade ou leitura próprias para nos conservar numa dissipação funesta. Queremos resistir às paixões no meio de tudo o que as alimenta e desenvolve? Acreditamos conservar por muito tempo a virtude, quando nos expomos às reduções que corrompem? Pensamos ficar piedosos, isto é, recolhidos, fervorosos, applicados aos nossos deveres, no meio dos objectos que dissipam o coração, exaltam a imaginação, e fazem perder o gosto ao dever? Acreditá-lo, é a mais funesta das illusões, que tantas vítimas faz!

Jesus, tendo afastado a multidão barulhenta que rodeava a menina, aproxima-se d'ella, e diz-lhe, tomando-lhe a mão: *Menina, levanta-te, eu te ordeno!*

Assim Deus se aproxima de um pecca-

dor à medida que elle se afasta do mundo, toma-lhe a mão; é a graça que vem em socorro da nossa fraqueza. «Volta para Deus, dizia o Cardeal Wiseman, e não temas as dificuldades; quando sinceramente quizeres abraçar o bem, Deus porá a sua mão na tua, e te fará vencer todos os obstáculos.

«O' mão poderosa, diz um outro autor piedoso, unes-te à mão que a morte gelou, dignas-te tocar um cadáver, e restitues-lhe o calor, o movimento e a vida! O' voz vivificante, atravessas a profundidade dos abismos, abalas o império da morte que reconhece o seu vencedor, e a força a largar a presa que já tinha empolgado! Falai ao meu coração, ó Jesus; e se elle resiste, falai-lhe mais alto, e elle voltará para vós. Só vós, ó Jesus, pela applicação dos vossos merecimentos e pela voz interior da vossa graça, podeis chamar-me à vida.»

III.—Sinais duma verdadeira conversão.

A esta palavra de Jesus Cristo «Levanta-te», a alma reentrou no corpo que tinha abandonado, e logo a menina se levantou e andou, e Jesus ordenou que lhe dessem de comer.

Assim como a alma é o princípio da vida humana, assim o Espírito Santo é o princípio da vida sobrenatural. Portanto, para que a alma ressuscite, é preciso que o Espírito Santo habite neia de novo. Revela-se a sua presença por sinais certos. Apoderando-se de um coração, inspira-lhe um recolhimento especial e não sei que sabôr ás coisas de Deus, que contrastam com os antigos hábitos de dissipação e de prazer que constituíam a sua vida mundana. O espírito de orgulho dá lugar ao espírito de humildade e modéstia; a caridade succede ao ódio; a liberalidade ao egoísmo. Os hábitos da vida são igualmente diferentes como as disposições do coração. O que não frequentava senão as assembleias mundanas, acha-se bem no meio das assembleias santas; amigos virtuosos rodeiam aquele que amigos corruptores tinham seduzido e arrastado; as leituras romanescas são substituídas pelas leituras piedosas; a caridade distribue pelos pobres o dinheiro que a vaidade gastava em loucos enfeites; palavras de salvação e de edificação saem d'esses lábios que só se abriam para a maledicência e frioleiras; as visitas ao Hóspede amável dos Tabernáculos substituem as visitas inúteis que a ociosidade multiplicava. O Espírito de Deus entrou nesta alma.

Jesus Cristo ordena que dêem de comer à joven que ressuscitou, e assim obriga os espiritos mais obstinados a reconhecer o milagre que o seu poder acaba de operar.

O Divino Mestre preparou-nos na Santíssima Eucaristia o alimento que melhor convém ao instinto e desenvolvimento da nossa vida como cristãos. Quem se apró-

xima dêle, e quem se apróxima muitas vezes, encontra nêle fôrças para o combate, luzes nas dúvidas, consolações nas contrariedades, e a vida sobrenatural corre nêle com abundância.

A alma desleixada que se afasta da Santíssima Eucaristia, expõe-se necessariamente a vêr a vida da graça enlangüescer a pouco e pouco e extinguir-se completamente. O desejo deste pão celeste, a solicitude em se alimentar dêle, é o indício duma alma que o Espírito Santo anima com o seu sôpro e esclarece com as suas luzes.

O' divino Jesus, que dais a vida ao peccador e vos fazeis ouvir dos próprios mortos, falai ao meu coração como falastes à filha do Jairo. Fazei que me levante e caminhe, que tome com fome espiritual o alimento que me apresentais, para que

eu viva do vosso espírito alimentando-me com a vossa carne, e que, por uma vida santa, alcance a vossa glória. Assim seja.

## Calendário da semana

### OUTUBRO

23 Domingo. 23.º do Espírito Santo.  
24 Segunda. S. Rafael Arcanjo.  
25 Terça. Ss. Crisanto e Darío Mm.  
26 Quarta. S. Evaristo P. M.  
27 Sexta. B. Gonçalo de Lagos C.  
28 Sexta. S. Simão e S. Judas Ta-deu App.  
29 Sábado. Cântico dos Cânticos de Nossa Senhora.

Só a moral católica pode levantar o homem que descera tão baixo, até à atmosfera do sobrenatural, e fazê-lo considerar, serenamente, longe do bulício do mundo e do atractivo das paixões, que fôra criado para fins mais nobres e elevados e que é indigno da sua dignidade cuidar só do ventre e do vestido. Muito gozar e pouco trabalhar, eis a aspiração summa da vida moderna, o substracto da economia popular não cristã que prepara grandes crises e desilusões maiores.

Nem as leis sumptuárias nem as exortações à parcimónia no consumo poderão impedir o descalabro e a ruína dos povos se se descara a educação moral cristã.

**Congresso das Beiras** — Realizou-se êste Congresso com representação official do govêrno e larga concorrência de Congressistas. As sessões tiveram lugar na Figueira da Foz, excepto a última que se realizou no Bussaco. Foram discutidas bastantes theses e votadas muitas conclusões tôdas de interesse regional.

Há quem diga que êstes ajuntamentos servem só para o efeito de bons passeios e ótimos jantares. Não é assim. Os congressos aproximam indivíduos, provocam a discussão de alvitres e a defeza de interesses comuns. Quási sempre surgem nestas assembleias aspectos novos em velhos problemas, iniciativas a explorar, conjunção de esforços que de outra forma seria muito difficil reunir.

As Beiras têm altos problemas a resolver: os portos da Figueira da Foz e de Aveiro em construção, a rêde dos caminhos de ferro a completar e a das estradas ainda muito atrazada. Sob o ponto de vista turístico é uma das regiões do país mais cheia de atractivos. As serras do Bussaco, da Estrêla e do Caramulo, as cidades históricas de Coimbra, Vizeu e Guarda, os panoramas das margens do Mondego e do Vouga e da ria de Aveiro são de um valor incalculável.

As termas da Curia, do Luzo, de S. Pedro do Sul e de Felgueiras, atraem uma concorrência de frequentadores que redundam numa riqueza enorme. Os vinhos da Bairrada e do Dão são muito conhecidos e apreciados.

Tem, pois, muitos assuntos de interesse regionalista o Congresso das Beiras. E sempre, quando ha interesses a defender ou a valorizar, destas assembleias alguma coisa de prático e util resultará. E' uma boa lição para outras regiões.

**Além Mar.** — O Senhor Bispo de Angola e Congo partiu para a sua diocese. Acompanharam-no alguns sacerdotes. Diocese imensa, de extensão muitas vezes superior a Portugal Continental, com uma população de adventícios e indígena já muito elevada, com cidades e vilas prósperas a surgirem em diferentes pontos da colónia, um Bispo, alguns padres com poucas dezenas dêles que por lá estão a missionar é, realmente, para desconsolar. E, impossivel que a evangelização se possa fazer com tão poucos obreiros!

Em Fevereiro último partiram para a nossa colónia da Guiné 5 franciscanos. Pelas notícias recebidas havia lá apenas três igrejas com, também dois ou três padres. Colónia de grande vastidão, já com cidades florescentes, a progredir dia a dia no seu desenvolvimento material e na sua po-

## Crónica da Semana

**A moral católica e o Progresso económico social.** — Ora aqui está um título comprido nas palavras e profundo no significado. Para alguns espíritos modernos parecerá, talvez, arrojado e intromisivo... A moral católica é a prática da religião e a religião é para rezar, não é para tratar do progresso económico dos povos — dirão.

Há de haver quem assim pense, e, todavia, pensa erradamente. Não é de hoje que a moral católica se estende a todos os ramos da actividade humana, e, portanto, à função económica social. Se ella tem de ser juiz na contenda entre acções boas e acções más, claro que tem de intervir no procedimento do factor económico. Quanto á teoria de que a religião é só para rezar é muito daqueles que não querem que ella desça a vasculhar escaninhos de consciência e negócios escuros. Que tenham paciência...

O título, pois, conquanto novo, é prático e velho. É novo, porque na forma como é apresentado, inclde sobre um problema de palpitante actualidade: o problema económico no seu aspecto moral. O mundo moderno atravessa uma crise económica pavorosa. Dessa crise comparticipa e nela se enforcem as nações, a sociedade, a família, o individuo.

Não há nada que mais perturbe, desorientante e revolucionario do que a falta de meios A crise afeceta o bem-estar de todos. Daqui a inquietação geral, e a exploração dos que aproveitando-se desta circunstância procuram atear a desordem social.

Por outro lado o aperfeiçoamento da industria intensifica a produção e, êste valoriza o capital e obriga o maior consumo. Daqui nascem problemas muito delicados perante a moral: a liberdade do capitalismo, o justo preço das transações, o salário devido aos operários etc, etc.

Tôdas estas mágnas questões têm sido tratadas sapientíssimamente pela Igreja, de um modo especial em encíclicas dos Santos Padres Leão XIII e Pio XI. É que a importância a que ellas chegaram nos tempos modernos obriga a directrizes certas, baseadas na sã moral, que dêem paz ás consciências e satisfação ás justas aspirações do povo.

Quanto ás relações entre a produção e o consumo, praticamente, nas operações de compra e venda, de forma alguma se pode estar ao lado dos que seguem a teoria de que "cada um que se defenda,"!

Há de haver um justo equilibrio de interesses, que satisfaça de parte a parte, seguramente, sem recurso a artimanhas, é o indicado pela justiça e pela consciência.

Quere dizer: é necessário que haja moral nas transações. Quanto ás relações entre operários e patrões, a magna questão da actualidade, não é menos candente a necessidade da moral. Não é justo que engordem fortunas à custa da miséria dos que trabalham. Como também não é licito que os trabalhadores deixem negligentemente, de satisfazer os compromissos do seu contracto.

Como se deixa ver a moralidade anda em camaradagem estreita com a economia. Tudo isto disse proficientemente e desenvolidamente o douto Professor do Seminário Conciliar Sr. Dr. Martins Gonçalves na sua Oração de Sapiência da abertura das aulas subordinada ao titulo que encima estas linhas. Pena é que a estreiteza dêste jornalzinho não dê margem a larga e proveitosa transcrição; vão apenas os seguintes periodos com o nosso caloroso aplauso:

Apesar dos seus ingentes e criteriosos esforços a experiência de todos os dias continua a atestar que se olvidou a moral católica que impõe a todos a virtude da parcimonia e da economia e recorda às classes mais elevadas que ter muito não quer dizer que se deva gastar em necessidades ficticias, em ostentações banais e em divertimentos perigosos e talvez ilicitos, somas incalculáveis que, quem sabe? por preceito de caridade pertençam já aos pobres ou a outras obras de beneficencia.

Dia a dia aumenta a fome insaciavel de gozo, alastra-se mais o desaforo do luxo que invadiu já as classes operárias que se tornam intoleráveis nas suas exigências não já para atender ás necessidades da vida quotidiana ou prevenir o futuro cheio de incertezas, mas para satisfazer aos caprichos do luxo extravagante ou estupidez da moda que degrada, e rivalizar assim com as classes burguezas que pelos seus estonteantes excessos lhes atearam as paixões e a fome do gozo material.

Ora sem a moral católica não será possivel combater eficazmente nem as injustiças da avareza, nem os desmandos do luxo e promover o progresso no consumo que depende da applicação das riquezas à satisfação de necessidades reais e não ficticias ou de vã ostentação e vai-

pulação. Quanto aos interesses espirituais, dois ou tres, padres e três igrejas! E' desolador!

Por Moçambique as coisas, vão na mesma!

Faz isto lembrar a situação de um grande proprietário, possuindo enormes quintas, mas sem operários nem capital para as agricultar! Para nós portugueses, o caso não é bem esse, mas ainda é mais causticante. Aquelas ricas e grandes quintas da Guiné, Angola e Moçambique são nossas; mas nós é que não temos sabido, ou antes, nós é que temos descurado cultivá-las materialmente e espiritualmente!

Teremos acordado agora? Parece que sim. Um revivescimento de fé e de ardor missionário alastra benfazejamente no país.

Estão a preparar-se brigadas de missionários. Levam anos a formar-se? E' certo, mas ao menos, que venham cedo ou tarde. E que partam, e que transformem as nossas grandes possessões africanas em belos campos frutíferos para Deus.

São necessários meios, muitos meios para esta santa empreza.

Outrora canalizaram-se imensas esmolas dos fieis para resgatar a Terra Santa do domínio dos infieis. Canalizem-se agora muitas esmolas para salvar a população negra das nossas colónias e fazer progredir o cristianismo em terras que são nossas e que é necessário tornar civilizadas.

Que os fieis na sua generosa caridade se não esqueçam desta santa Obra das Missões.

México.— Para se fazer ideia da perseguição religiosa que se desencaduiu no México transcrevemos os seguintes períodos da Encíclica «*Acerba Animi*», que S. S. Pio XI acaba de publicar:

«Já no início do Nosso Pontificado, segundo o exemplo do Nosso venerado Predecessor, empenhamos todos os Nossos esforços em sustar a terrível aplicação daquelas disposições constitucionais que a Santa Sé se tinha por mais de uma vez visto constrangida a condenar como gravemente lesivas dos direitos mais elementares e inalienáveis da Igreja e dos fieis; e para tal escopo diligenciamos, por outro lado, que um Nosso Representante residisse na dita Republica. Mas enquanto outros governos nos ultimos tempos se honravam em estabelecer acordos com a Santa Sé, o do México fechava todo o caminho para qualquer entendimento, faltava pelo modo mais inesperado a promessas formais pouco antes feitas por escrito e expulsava repetidas vezes os Nossos Representantes, mostrando com tal proceder quais fôsem as suas intenções para com a Igreja. Assim, insisti na mais rigorosa applicação do artigo 130 da Constituição, contra a qual, porque extremamente hostil à Igreja, como ressalta da Nossa Encíclica «*Iniquis afflictivique*» de 18 de Novembro de 1926, a Santa Sé teve de protestar do modo mais solene.

Foram, no prosseguimento de tal attitude, promulgadas graves penas contra os transgressores do deplorável artigo; e, com novas ofensas à Hierarchy da Igreja, procurou-se que todos os Estados da Confederação determinassem o número de sacerdotes aos quais seria permitido o exercício do sagrado ministério, tanto publica e privadamente. Em face de tão injustas e intoleráveis injunções, que teriam escravizado a Igreja no México ao arbítrio do Estado, e do governo hostil à religião católica, Vós, Veneráveis Irmãos, deliberastes suspender o culto público; ao mesmo tempo convi-

dastes os fieis a protestar eficazmente contra a injusta imposição do governo.

Pela vossa apostólica firmeza fôstes expulsos, quasi todos da República, e tivestes de assistir da terra do exílio às lutas e martirios dos vossos Sacerdotes e da vossa grei; e os poucos dentre vós — bem poucos — que quasi prodigiosamente conseguiram conservar-se nas suas dioceses, souberam levar ao povo cristão, pelo exemplo da sua nobre constância, grande consolação e firmeza.»

*As mulheres são relógios que constantemente se atrasam a partir dos vinte e cinco anos.*

C. Joliet.

### O que pode conseguir a persistencia

Esta história tem graça e tanto mais por ser verdadeira.

Um padre norte-americano, J. X. Talbot editor do *América*, estava de passagem em Queenstown (Guiana inglesa), a caminho da Europa, quando teve noticia radiografica da morte do Cardeal Mercier. E logo resolveu ir assistir ao funeral do virtuoso Prelado, alterando para isso por completo o plano da sua viagem.

Embarcou, pois, o P.<sup>o</sup> editor no primeiro paquete para Liverpool. Daí, seguiu no rapido para Londres onde tomou lugar no aeroplano de carreira para Bruxelas.

A meio do vôo, o aparelho teve de aterrar, por causa de qualquer avaria. Veiu outro substitui-lo. Mas tudo isto levou tempo. Quando, por fim, o segundo aeroplano se levantou no ar, após umas horas de demora, os unicos passageiros que iam na barquinha (chamemos-lhe assim) eram o P.<sup>o</sup> Talbot e o fotografo de um jornal inglez que ia tirar vistas das cerimoniaes funebres.

Mal chegou a Bauxelas, o Padre procurou obter um passe de imprensa para assistir aos officios religiosos. Baldados esforços! Poucas horas faltavam para as solemnidades começarem, os passes já tinham sido distribuidos, de forma que na policia nada conseguiu.

Lembrou-se o Padre, de recorrer ao Consul do seu país. Mas o Consulado da America estava fechado.

Que fazer? Desanimar? Desistir?

Isso nunca!

Foi o sacerdote à casa dos jesuitas de Bruxelas e ali alvitram que talvez algo conseguisse na sacristia da igreja, onde a clerezia devia estar a revestir-se para dali sair em procissão a caminho da estação do caminho de ferro onde esperaria o corpo do Cardeal, vindo de Malines.

Entrou o sacerdote na tal sacristia e estava ali, em pé, indeciso, quando alguém lhe poz aos hombros uma capa de asperges enquanto outra pessoa lhe dava um barrete de clérigo.

Sem entender bem o que aquilo fôra, o P.<sup>o</sup> Talbot achou-se no meio de padres também vestidos de capa magna e com seus barretes de clérigo que se iam alinhando. Daí a pouco, todos percorriam em fila dupla as ruas de Bruxelas até á estação.

Começou o sacerdote americano a perceber que tinha de fazer parte do grupo de eclesiásticos que haviam de rodear a urna funerária no seu transporte para Santa Gudula, a grande e linda catedral gótica de Bruxelas.

E foi assim que o P.<sup>o</sup> Talbot fez parte

dessa caminhada ao lado do Rei da Belgica e do famoso Marechal Foch.

Quando o imponente préstito chegou á igreja matriz de B uxelas, não faltaram fotógrafos com as suas maquinas em bateria. E nas gravuras dos jornais, nas revistas e bilhetes postais ilustrados, então publicados, entre os mais illustres ornamentos do clero belga que assistem perfilados, junto do pórtico de Santa Gudula, á recepção do corpo do falecido Cardeal Arcebispo pelo Nuncio Papal, lá figura o Rev. Editor Mgr. Micara, do *America*.

A explicação destes singulares privilégios não a sabe dar ao certo nem o próprio que deles beneficiou. Supõe ele que, tendo faltado, por qualquer motivo, um Padre belga, o tomaram pelo ausente e, como tal, o revestiram e incorporaram no cortejo.

Seja como fôr, a história dá-nos a nós portugueses, que tão facilmente vacilamos perante a primeira dificuldade, uma esplêndida lição de coragem e persistência.

### NOTÍCIAS VÁRIAS

Em toda a parte fica caríssimo o carneiro com batatas e para que os livres cidadãos se resolvam a usar dos seus soberanos direitos, é necessário fazer correr rios de dinheiro.

Na Inglaterra, berço dos parlamentos, onde os cidadãos têm fama de civilizados e senhores do seu nariz, appareceu agora um Livro Branco, com dados interessantes sobre as últimas eleições gerais. Vê-se que só os candidatos gastaram um total de 654.105 libras ou seja qualquer coisa como perto de 100.000 contos.

Apesar da despêsa feita abstiveram-se de votar os livres cidadãos que vão de 21.656.376 que compareceram à urna, até 29.952.361 que estavam inscritos no recenseamento.

O mal é contagioso. As mulheres da Iugo-Eslávia, tão conservadoras dos seus costumes e trajes tradicionais, começam a modernizar-se e a deixar-se dominar pelos exageros das modas modernas, tantas vezes agentes de corrupção e imoralidades. Já lá chegaram e estabeleceram o seu domínio tirânico os figurinos de Paris. Contra a invasão de tal peste tem o clero católico travado rija campanha que não pode ficar de todo infrutuosa. Numa pastoral, publicada em todos os jornais, Mgr. Nicolai, Bispo de Oclwida, insurge-se, em termos cheios de energia, contra os exageros e excessos da moda actual e contra o luxo das «toilettes» das mulheres e das jovens.

O referido prelado aconselha às suas dioceses o uso dos trajes tradicionais.

Noticiam os jornais que na Tcheco-Eslóvia estão actualmente à venda nada menos de 150 castelos.

A reforma agrária neste jovem país da Europa Central arrebatou as terras aos ricos e aos nobres deixando-lhes os castelos e ricas vivendas que ordinariamente só dão despezar.

Nem os novos proprietários se encontram mais felizes sendo sempre maior o número de propriedades em praça.

Consequências do socialismo posto em prática: empobrece os ricos sem enriquecer os pobres, reduzindo-os todos à miséria e à desordem.